

## **“O Património Tecnológico Português e o seu contributo para uma Estratégia de Defesa Nacional”**

Os desafios científicos e tecnológicos a que as diferentes forças militares e militarizadas estão permanentemente sujeitas podem beneficiar da competência instalada nas empresas e universidades Portuguesas. Paralelamente, a missão das instituições de Defesa e Segurança inclui um objectivo absolutamente estratégico para o interesse nacional que consiste na promoção do desenvolvimento da Base Tecnológica e Industrial de Defesa e por consequência do tecido económico do país.

É constante a necessidade de modernização da capacidade operacional das forças de defesa e segurança. Tal necessidade traduz-se em geral na aquisição de novas estruturas ou na actualização de estruturas existentes de forma a adaptá-las aos muito voláteis requisitos operacionais. Traduz-se também na optimização de processos numa busca incessante de ganhos de eficiência operacional.

A modernização é então, nos tempos modernos, um imperativo. Sem ela as forças militares perdem inapelavelmente a sua eficácia e eficiência – ou seja, resvalam facilmente para um contexto em que a racionalidade da sua existência pode ser questionada.

A modernização das forças de defesa e segurança é também relevante porque tipicamente traz uma excelente oportunidade para construção de património tecnológico nacional. A Base Tecnológica e Industrial de Defesa Nacional tem, numa ligação profícua com as forças armadas, uma oportunidade de ouro para se especializar, para se tornar mais competitiva, e melhorar a sua capacidade de triunfar os mercados mais exigentes – e mais ricos!

Muito se tem falado da importância para o nosso país da ligação Universidade/Indústria. Urge falar, porque não é menos importante mas tem sido completamente esquecida, da ligação Forças Armadas/Indústria. O conhecimento de domínio das forças armadas é provavelmente o mais poderoso catalisador da capacidade técnica já instalada na indústria nacional; ou seja, as instituições de defesa e segurança têm uma capacidade ímpar de tornar muito útil tal capacidade técnica – o que se pode constituir, por outro lado, como um poderoso contributo para evitarem a posição desconfortável, ou até de minoridade, em que muitas vezes o poder político as parece querer colocar.

Nem sequer é preciso recorrer ao pensamento estratégico para se perceber a importância dessa relação. Num plano mais imediato, tático, as empresas podem ajudar as forças armadas a obterem, com custos significativamente mais baixos, desenvolvimento de muitos sistemas de que precisam no contexto da sua modernização – em domínios como o planeamento e suporte operacional, gestão de logística, ou gestão de manutenção – para falar apenas em alguns. A modernização de sistemas obsoletos nas fragatas da Classe Vasco da Gama, com enormes poupanças - quer na própria actualização quer na subsequente manutenção - é um exemplo claro de que tal é possível com a Base Tecnológica e Industrial de Defesa existente hoje em Portugal.

A aposta na Base Tecnológica e Industrial de Defesa Nacional ganha especial relevância numa fase em que os orçamentos são cada vez mais restritivos e se torna necessário o

prolongamento da vida útil de alguns equipamentos. Desta forma, está criado um cenário de grande desafio a que a indústria nacional deve ser chamada a responder e corresponder, contribuindo para a redução da dependência externa da Defesa Nacional, diminuição das importações e um consequente crescimento económico.

As forças armadas podem ajudar a qualificar, a tornar mais forte, a dar mais e melhor capacidade ao tecido empresarial português – ou ainda, tornar o nosso País mais qualificado, mais competitivo e consequentemente, mais exportador. Torna-se pois importante explicitar na estratégia de Defesa Nacional a importância da ligação das forças de defesa e segurança à indústria de base tecnológica nacional – importância essa cada vez mais óbvia, realce-se, dado os difíceis tempos que atravessamos.

Defesa e Indústria Nacional têm um destino com muito em comum. Têm de ser capazes de navegar em conjunto e perceber nisso um importante desígnio nacional que vai muito para além das suas missões concretas.

**Eng. Gonçalo Quadros**

Presidente da Comissão Executiva (CEO) da Critical Software